

Minha querida Duduta,

Recebemos a cartinha
Que um pouco atrazada vinha
Para quem estava á escuta,

Esperando que o carteiro
Trouxesse a tua missiva
E esta nossa expectativa
Encontrasse um paradeiro,

Grande falta aqui nos fazes
Com tua carinha linda,
Cuja graça doce e infinda
Ninguem exprime com frases.

O bem que nós te queremos
De longe se vê melhor:
Pois depois que não te vemos
Elle se tornou maior.

E enquanto tu serraneias, (§)
Sorvendo esses puros ares
Eu cruzo estas ruas feias
Só vendo caras vulgares,

Caminhoes, autos, leiteiros,
Motocicles, vendilhoes,
Cavaleiros e bombeiros,
Rádios, meninos choroes,

Tudo ronca, tudo beira,
Tudo guincha, tudo atrôa!
E então minh'alma revôa,
Aflita, buscando a serra.

Ahi, no silencio grave
Desse ar fresco e perfumoso,
Torna-se a existencia suave
Como um sonho deleitoso.

Fica nesse Eden Terrêal
O mais tempo que puderes,
Livre, que estás, dos mistêres
Da labuta colegial.

(§) Tome nota do neologismo.

Fulgura, crúa, a soalheira,
Causando um calor brutal:
Isto é terra brasileira
Ou estamos no Senegal?

A canícula danada
Quer fazer de nós torresmo;
A's vezes são de mim mesmo
Um cheiro de carne assada!

Feliz tu, que estás gozando
Da serra as puras delicias,
Que recibes as caricias
Desse ar oloroso e brando!

Na tua Guaramiranga,
Onde os deuses se aboletam,
Lembra-te dos que vegetam
Na pobre Jacarecanga!

A Antonieta, enlevada
No seu sonho nupcial,
Considere-se abraçada
Por todo o nosso pessoal.

E enquanto vagas, travessa,
Por esses montes e vales,
Teu coração não se esqueça
Da Nina e do

Tio Salles.

"6 de Dezembro de 1938